

NIETZSCHE E BEAUVOIR: CAMINHOS PARA ALÉM DO NIILISMO.

BEATRÍS DA SILVA SEUS¹; FLÁVIA CARVALHO CHAGAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – beatriseus@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – flaviafilosofiaufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa tem como objetivo analisar os pontos convergentes entre a filosofia crítica de Friedrich Nietzsche, e a fundamentação moral de Simone de Beauvoir. Tendo em vista que Nietzsche é um dos “pais” do existencialismo francês ateu, consideramos coerente buscar compreender em que medida a autora contemporânea resgata ou ultrapassa elementos contidos já no período moderno com o autor alemão.

Partimos da noção de que a autora tenha tido êxito em elaborar uma filosofia moral sem elementos de cunho metafísicos cristãos na obra *Moral da Ambiguidade*. Para tal, a filósofa retoma alguns preceitos ontológicos e fenomenológicos de Jean-Paul Sartre. Um dos conceitos utilizados por ambos os franceses, é o conceito de liberdade. Aqui não falamos de uma liberdade positiva prática, mas uma liberdade do ponto de vista ontológico, da natureza humana:

Sartre define fundamentalmente o homem, este ser cujo ser é não ser, esta subjetividade que não se realiza senão como presença no mundo, esta liberdade engajada, este surgimento para-si que é imediatamente dado para outro. Mas também se pretende que o existencialismo seja uma filosofia do absurdo e do estéril, numa subjetividade vazia, que ela seja incapaz de lhe oferecer algum princípio de escolha: que ele aja como agir de qualquer maneira a partida está perdida. Sartre não declara que o homem é <<uma paixão inútil>>, que ele tenta em vão realizar a síntese do para-si e do em-si, a fazer-se Deus? É verdade. Mas é também verdade que as morais mais otimistas começaram todas por sublinhar a parte de fracasso que comporta a condição humana: sem fracasso não há moral. (...) Não se propõe moral a um Deus (BEAUVOIR, 1970, p. 6).

Frente a necessidade de elaborar uma moral para a humanidade, surge uma tentativa por parte de Beauvoir de universalizá-la, respeitando porém as singularidades culturais. Nessa perspectiva, a liberdade enquanto critério moral serve como um modelo vazio de justificação. Isso porque cada cultura deve empenhar-se em discutir suas normas de comportamento, mas sempre respeitando essa consideração de “dignidade moral” que busca respeitar todos os homens, delimitando nossa liberdade para que não se limite a liberdade de *outrem*. No senso comum também conhecemos esse posicionamento, como por exemplo na ideia de que “nosso limite termina quando começa o do outro”.

A preocupação moral surge para a autora quando esta conclui que o homem – no sentido de humanidade e não de gênero – está inserido em um âmbito ontológico e em um âmbito fenomenológico. O homem tem a possibilidade de ser livre na medida em que é racional, e consegue ter escolhas que não estejam determinada pelas paixões empíricas. Por outro lado, ele também é fenomenologia na medida em que vive em um mundo de fato, sentindo as condições de seu contexto e natureza. Portanto, estes dois elementos ambíguos de sua natureza, devem estar em evidencia. Enquanto ser humano, não é

possível que se desempenhe uma ação fora do âmbito empírico, mas se não tomar consciência de suas faculdades racionais, ou até mesmo fugir da responsabilidade de elaborar suas escolhas, ele acabará por ser considerado pela autora uma simples fatalidade. Portanto, nem todo homem é livre; é necessário que se busque agir livremente:

O bem de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos merece ser tomado como um fim absoluto de nossa ação. Mas não somos autorizados a decidir *a priori* sobre esse bem. Para dizer a verdade, não somos jamais autorizados, em princípio, a adotar alguma conduta; uma das consequências concretas da moral existencialista é a recusa de todas as justificações prévias que se poderiam tirar da civilização, da idade, da cultura – é a recusa de qualquer princípio de autoridade. Positivamente, o preceito será tratar o outro (...) como uma liberdade a fim de sua própria liberdade. (...) Repetimos: aqui só se poderia indicar um método. O primeiro ponto é sempre considerar que interesse humano verdadeiro preenche a forma abstrata que se propõe como fim à ação. (...) Nenhuma dessas formas, porém, tem valor em si, mas somente quando envolve indivíduos concretos. (...) Vê-se que o método que propomos análogo nisso aos métodos científicos ou estéticos, consiste em confrontar em cada caso os valores realizados e os valores visados, o sentido do ato com o seu conteúdo. (...) Só a vigilância pode perpetuar a validade dos fins e a afirmação autêntica da liberdade (BEAUVOIR, 1970, p. 121 – 130).

Desta forma, cada indivíduo deve responsabilizar-se por elaborar algum projeto de vida autêntico, cujo engajamento será necessário cotidianamente. Para Beauvoir, a inexistência de Deus e de valores morais pré-determinados não exclui a possibilidade de termos uma ação livre e justificada. Pelo contrário, ao elaborar um projeto de vida individual (que pode também vir a atingir os demais homens da sociedade), o indivíduo demonstra estar empenhado em respeitar os demais homens da sociedade. Portanto, quando agimos, estamos agindo porque queremos e porque acreditamos que seja a melhor escolha de ação justificada por nós mesmas. O caráter da fundamentação moral beauvoiriana é prescritiva, e sem uma fundamentação genealógica e crítica de Nietzsche, acreditamos que isso não seria possível.

O filósofo alemão é responsável por diagnosticar a crise dos valores morais cristãos, bem como de postular a morte de Deus. Estamos baseando nossas considerações em cinco principais obras: *Humano demasiado humano*, *A Gaia Ciência*, *Além do bem e do Mal*, *Genealogia da moral* e *O Anticristo*.

Nietzsche demonstra que sem esses valores de bem e mal, o homem tem uma limitação ao pensar a vida de forma universal:

O erro acerca da vida é necessário à vida. – Toda crença no valor e na dignidade da vida se baseia num pensar inexato; é possível somente porque a empatia com a vida e o sofrimento universal da humanidade é pouco desenvolvida no indivíduo. Mesmo os homens raros, cujo pensamento vai além de si mesmos, não lançam os olhos a essa vida universal, mas somente a partes limitadas dela. (...) mas quem pudesse realmente deles participar, teria que desesperar do valor da vida; se conseguisse apreender e sentir a consciência total da humanidade, sucumbiria, amaldiçoando a existência, - pois no conjunto a humanidade não tem objetivo *nenhum*, e por isso, considerando todo o seu percurso, o homem não pode nela encontrar consolo e apoio, mas sim desespero (NIETZSCHE, 2000, p. 39 – 40).

Tomando consciência de sua situação caótica, Nietzsche observa que consequentemente o homem cairia em um estado de desespero, sem quaisquer

possibilidades de voltar à afirmar valores de cunho transcendentais, como o valor do conceito de liberdade, por exemplo. A possibilidade de elaboração de um posicionamento moral afirmativo fica em suspense, pois o filósofo demonstra ter esperanças de que futuramente exista um tipo de homem superior (além-do-homem) capaz de suportar as dores de um mundo tal como ele é, bem como de buscar normativizar a vida em sociedade de uma forma também superior.

Portanto, nossa pesquisa pretende investigar em que medida Beauvoir teria conseguido resgatar essa fundamentação crítica de forma a superá-la, criando valores de bem e mal fora da esfera cristã. Buscaremos também demonstrar em quais pontos as teorias de cada autor convergem entre si.

2. METODOLOGIA

Nós adotamos a metodologia estrutural e bibliográfica: elaboramos fichamentos das obras de cada autor, respeitando o ano de publicação de forma a não termos nenhum tipo de conclusão precipitada por estarmos analisando um contexto por olhos de outro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento foi possível diagnosticar aproximações teóricas de ambas as perspectivas, tanto no âmbito da moral, quanto no âmbito da política. Em referência à segunda, percebemos que os autores aproximam-se ao criticar os “homens de seu tempo”, no caso de Nietzsche a crítica é estabelecida frente ao posicionamento niilista, pessimista, ou patriota do alemão europeu do século XVIII. Para Beauvoir, a crítica é elaborada frente a existência de sujeitos incapazes de aceitar a liberdade de sua condição humana, tendo como consequência atitudes que vão contra a liberdade de outros indivíduos, podendo ser chamadas inclusive de tiranas.

Para nós a política e a moral são campos do pensamento completamente interligados, desta forma é sempre necessário elaborar uma boa fundamentação moral, para que em seguida se possa compreender a política. Ambos os filósofos elaboram muitas críticas e no caso de Beauvoir prescrições morais, porém os dois desempenharam muito mais tempo para a questão moral, como se a política estivesse em segundo plano. A própria Beauvoir conclui que a questão da libertação feminina seja um problema para ser discutido frente as tradições da moralidade, para depois ser um problema analisado politicamente.

Também estamos discutindo com a possibilidade de Nietzsche ter perpetuado um posicionamento niilista, mesmo que sua crítica fosse justamente contra esse tipo de atitude. Conseguimos ter essa interpretação graças a leitura de comentadores como Araldi e Müller-Lauter, bem como a própria crítica elaborada pela Beauvoir em *Moral da ambiguidade*. Tendo em vista que a filósofa francesa esteve ciente tanto de uma moralidade cristã, como de um posicionamento niilista insuficiente, acreditamos que ela tenha conseguido resgatar os elementos principais da crítica nietzschiana às valorações intituladas por eles de decadentes. Precisamos, em seguida, lapidar nossos fichamentos de forma a esclarecer esses pontos interligados e desconexos, para melhor conseguirmos estabelecer a influência de Nietzsche para toda uma tradição contemporânea.

4. CONCLUSÕES

Acreditamos estar vivendo em um mundo cada vez mais ateu, ou pelo menos laico. Com isso queremos dizer que os indivíduos – principalmente os que residem em países desenvolvidos – estão perdendo a fé na religião cristã com o passar dos anos. Ao mesmo tempo, os países tem trabalhado de forma a constituir uma nação laica, ou seja, que respeite as diversas opções religiosas existentes, sem a pretensão de nivelar todos os indivíduos em uma só religião, como muito aconteceu com o cristianismo no ocidente. Nesse sentido, fica muito obscuro para os recém chegados nessa “tomada de consciência”, a necessidade de agir conforme as regras sociais, no sentido de encontrar normas que sejam bem fundamentadas e justificadas. Para tal, a importância de nosso trabalho surge como uma tentativa de defender uma noção de dignidade humana, residindo no conceito de liberdade, para que seja possível que sociedades tão plurais e distantes, respeitem e tenham empatia pela cultura que lhe é diferente. Em outras palavras, frente o pluralismo de culturas e religiões adotadas por cada uma delas, é necessário encontrar uma noção de dignidade humana comum e – consigo – um critério para a moralidade sem que este reside em uma ou outra concepção de mundo singular. Quando dialogamos com a noção de ambiguidade beauvoiriana, temos cada vez mais noção de que podemos sim ter respostas válidas moralmente. Notem que estamos lidando com respostas plurais, e não uma resposta abstrata com o caráter indubitável. O senso comum tende a considerar que isto tenha como consequência uma moralidade subjetiva, que aceite qualquer coisa. Mas pelo contrário, assim como Beauvoir, estamos defendendo que todos os seres humanos sejam considerados como racionais e portanto livres, possuindo esta dignidade própria da liberdade. Apesar de ser uma consideração ontológica do ser humano, também conseguimos utilizar este critério no âmbito moral: desde que nossa ação não limite ou oprimas a liberdade de *outrem*, a ação é válida e justificada moralmente. Na medida em que toda a humanidade é racionais e livre, este critério é passível de universalização. Ademais, quanto às outras normas morais que não sejam de caráter político, cabe a cada sociedade singular determinar em grupo de forma democrática (uma vez que não se pode ultrapassar o limite das liberdades), quais são os outros valores morais e/ou religiosos que mais lhes representam: mas sempre respeitando o critério universalizável. Considerando toda a discussão envolvida, e também a necessidade de instaurarmos um só critério que dê conta de justificar todo o agir bem da humanidade, acreditamos ser necessário trabalhar com tais conceitos de forma a auxiliar os homens a coexistir frente suas particularidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. **Por uma moral da ambiguidade seguido de Pirro e Cinéias**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.

_____. **Moral da Ambiguidade**. Tradução de Anamaria de Vasconcellos. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2000.